

MOREIRA, R. Pensamento Geográfico Brasileiro – as matrizes clássicas originárias. Editora: Contexto, 190 páginas, ano 2008.

PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO: As Matrizes Clássicas Originárias

Ruy Moreira¹

Por
Daniel Teixeira e Vitória Gelli
Bolsistas do Grupo PETGEOPUC-Rio
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

APRESENTAÇÃO:

O pensamento geográfico brasileiro é um livro que reúne os principais geógrafos responsáveis pela formação da Geografia brasileira. Tendo suas matrizes na Geografia Francesa e Alemã, esses autores foram fundamentais para o surgimento da Geografia Clássica que deu início a diversos outros ramos que estudamos e nos baseamos hoje.

Dividido em três partes, o livro vem mostrando as tradições das escolas e as dicotomias que foram se formando. A primeira parte do livro se remete justamente a essas escolas, a formação histórica da Geografia clássica e moderna e analisa o contexto e o conceito dos autores escolhidos. Na segunda parte, o autor apresenta um resumo crítico de cada obra tendendo a expor o pensamento desenvolvido nas mesmas. E na terceira parte, se faz um balanço analítico das idéias desses autores, apresentando o quadro sintético do modelo matricial de cada um.

Com o objetivo de abrir os olhos dos geógrafos para as origens da Geografia, Ruy Moreira tem a intenção de chamar a atenção para o fato de que muitos conceitos e teorias atuais já eram discutidos por eles, assim como tem o objetivo de minimizar a falta de acesso a bibliografia que trate do assunto de uma maneira crítica.

¹ Ruy Moreira é professor do departamento da UFF Universidade Federal Fluminense.

O público alvo dessa obra abrange tanto os universitários, estudantes de Geografia, como também os professores formados e até os acadêmicos de outras áreas que se interessam pela a origem dos pensamentos que rodeiam as discussões atuais.

Para a realização dessa resenha, destacamos os pontos que consideramos mais relevantes e fundamentais para a discussão e entendimento do objetivo do autor ao escrever o livro. Entendemos que a própria escolha desses pontos já se passa por uma análise crítica e reflexiva em relação aos mesmos, não perdendo de vista a questão do diálogo permanente entre o autor, Ruy Moreira, e os autores da resenha.

1º parte: A GEOGRAFIA CLÁSSICA:

A GEOGRAFIA MODERNA E A GEOGRAFIA CLÁSSICA:

A geografia nasce de uma revolução burguesa e surge como um fenômeno alemão, aonde a revolução foi atrasada em um século comparando a França e a Inglaterra. Neste contexto histórico vive o filósofo Kant que se incomodava com a visão inorgânica de homem e com a concepção dicotômica entre sujeito e objeto. Neste momento a metafísica e a filosofia iam muito mal como ciências, pois não conseguiam o mesmo avanço que se dava nas ciências da natureza, especialmente a física e a matemática. Kant, então, busca fazer uma sistematização onde pudesse estabelecer conexões entre a empiria e o racionalismo. Daí ele necessita buscar um ponto em comum de se pensar a natureza e o homem e este ponto é o que ele chama de categoria de espaço e tempo. Assim a geografia fica encarregada de estudar os conhecimentos empíricos concernentes a natureza. Porém a geografia que Kant conhece é um agregado de conhecimentos empíricos, organizados em grupos de organização fazendo-nos perceber, contudo, que ele não realiza grandes transformações na ciência geográfica.

Será Ritter que irá realizar transformações significativas na geografia, pois ele a tira da fase taxonômica e descritiva de representação clássica, para uma representação moderna centrada no conceito e na explicação. Ritter cria então uma nova fase da geografia, e designa-a de Geografia Comparada. Ele imagina que as pesquisas em geografia devem ser feitas pela diferenciação da paisagem, formando assim um mosaico de diferentes paisagens. O mesmo define a paisagem como um recorte paisagístico que materializa a arrumação da superfície terrestre numa ordem de classificação taxonômica ao tempo, que propicia ao geógrafo organizar sua discussão. Isto seria o princípio de um método na geografia e trata-se de tirar a geografia do estágio meramente taxonômico e descritivo que se encontrava, para elevá-la a condição de ciência. Isto é, de um saber orientado por uma teoria e uma explicação metodológica. Ritter busca assim, um sentido da organização corográfica na superfície terrestre que ele identifica pelo nome de individualidade regional dos recortes do espaço. Já, Humboldt orienta-se no mesmo fundamento de Ritter e parte da ordem de classificação e da corografia, porém para classificar a vegetação.

Logo após, as ciências passam por um processo de fragmentação, levando a geografia a uma estagnação de cinquenta anos longe do cenário mundial. Já na segunda metade do século XIX a geografia passa por um novo paradigma onde a necessidade de fragmentar-se para estar “compatível” com o pensamento científico deste determinado momento, se contrapunha ao resgate da integralidade de visão de mundo, característico da mesma. Vivia-se em um momento de grande desenvolvimento, tanto científico, quanto econômico (II Revolução Industrial) que fragmentou o trabalho, o homem, e o pensamento. O positivismo (modelo vigente da época) referenda a visão física e matemática de natureza do projeto científico renascentista, separa o inorgânico, o orgânico e o humano em esferas dissociadas e proclama o paradigma do inorgânico da Física como base, orientando as demais ciências nessa padronagem.

A esfera do humano é um processo tardio. É necessário esperar o nascimento dos modelos matemáticos ou algo equivalente que de conta dos

fenômenos ligados ao homem. Teme-se que sem o parâmetro matemático uma ciência rigorosa por fim não se sustente. A solução vem na forma de um duplo tipo de legalidade: a matemática para a esfera de tratamento científico da natureza e a institucional para a esfera do tratamento científico do homem. Nascem as Ciências Naturais e as Ciências Humanas. E conseqüentemente a geografia fragmenta-se surgindo à geografia física e a humana. O que acarreta em grandes perdas para a geografia em geral. Por um lado, enquanto a geografia física, por sua maior facilidade de adaptar-se a modelos matemáticos ia bem, a geografia humana não se encontrava.

AS LINHAS DE FORÇA DA GEOGRAFIA CLÁSSICA:

O autor admite como clássico os consolidadores da geografia moderna. Assim são os geógrafos seguintes à geração criadora de Humboldt e Ritter. O livro irá assumir a matriz francesa, que é, no geral, de onde vem a nossa origem. Ruy irá reunir Reclus, Vidal e Brunhes em um só primeiro grupo, Sorre já em um segundo grupo, Hartshorn como contemporâneo de Sorre, porém em uma mesma linha, e George e Tricart em um terceiro grupo. A partir daí o autor estabelece relações histórico-metodológicas entre estes respectivos grupos e caracteriza cada autor em seu ambiente histórico-social.

RECLUS, VIDAL DE LA BLACHE E BRUNHES:

Reclus nasce em 1830, Vidal em 1845 e Brunhes em 1869, e morrem respectivamente, em 1905, 1918 e 1940. O texto de Reclus antecipa a Geografia de tom social e político, ao passo que o texto de Vidal exprime o tom de aparência neutra que no geral veremos instituir-se como modelo intelectual típico da academia.

Reclus vem de uma formação iluminista para a qual a razão é um instrumento de emancipação do homem, que tomando por princípio a origem racional e livre da natureza humana, encarna no papel da educação individual e libertária. Compreender e conhecer a natureza para compreender, conhecer e

fazer aflorar a natureza do homem, um ser que nasce racional e livre e que só as cadeias da sujeição social aprisionam e escravizam, este é o papel científico da Geografia, aqui se manifestando plenamente o viés rousseauiano de Reclus.

Paul Vidal de La Blache é historiador de formação com áreas de interesse na Antiguidade. Será o primeiro professor regular de Geografia em uma universidade francesa. Três livros indicam a diversidade de linhas e direções que segue o seu pensamento. O primeiro e o último vão orientar a Geografia lablacheana para duas distintas direções: a Geografia Regional e a Geografia da Civilização. Surge assim, a noção de uma diversidade de regiões, cada qual dotada de uma face singular na sua peculiaridade.

Jean Brunhes é um terceiro caso e gerador de um discurso de Geografia surpreendente. O conceito-chave de Brunhes é o que chama de fatos essenciais, um modo de valorizar o dado visual e empírico, e assim, de conferir a paisagem e ao seu viés cartográfico o valor metodológico central da reflexão geográfica. “Só é fato o que se relaciona”, diz ele, advertindo para a necessidade de um cuidado com o empirismo e remetendo sua teoria e seu método para o plano necessário da totalidade, sem a qual o fato geográfico não revela seu real significado.

SORRE:

É praticamente com Sorre (1880-1962) que a técnica vai passar a ter força como elemento-chave da interpretação das paisagens e dos espaços que tem hoje a Geografia. Ele tem o cuidado de dar continuidade a Geografia dos clássicos que o antecedem, mas fazendo-o no quadro teórico conceitual e metodológico novo que está criando. O centro da análise de Sorre é o conceito de complexidade, foco pelo qual ele vê o todo e as partes da superfície terrestre. A exemplo do ecúmeno terrestre, que conceitua como uma rede de complexos.

GEORGE E TRICART:

Pierre George (1920-2005), estudioso de vários assuntos, escreveu e publicou ensaios e livros em praticamente todos os campos em que a Geografia

se quebrou e se dividiu em seu tempo. O foco de George é o espaço, embora nunca o defina com clareza, o espaço e para ele o estruturador geográfico das sociedades na história.

Jean Tricart (1920-2003) tem como ponto de partida a Geomorfologia, a Climatologia, a Hidrologia, a Geologia e a Biogeografia numa teoria e num método unificados, realizando a primeira de uma série de ondas de integralização das “geografias físicas” no sentido de chegar a um conceito mais completo e integrado de meio ambiente.

HARTSHORNE:

Richard Hartshorne (1899-1992) vem da tradição norte-americana e corre em raia própria e, por isso, melhor pôde entender a necessidade de clarificar os rumos da Geografia nos Estados Unidos, onde a percepção dos rumos da história transparecia mais que em outro lugar, indo buscar a resposta na Geografia alemã dos séculos XVIII e XIX.

SOBRE ESCOLAS, GEOGRAFIAS SETORIAIS E MATRIZES:

A Geografia tem a tradição da escola. Escola Francesa, Alemã, Norte americana, etc. Cada escola é um país, cada país é uma escola. Ao lado da tradição das escolas vicejam o que podemos chamar de geografias setoriais. Por esse prisma, há o geógrafo urbano, o geógrafo agrário, o geomorfólogo, entre outros. O defeito desse modelo é o abandono da prática de pensar o todo. Uma terceira tradição é a do geógrafo criador de matrizes de pensamento. Imbuídos seja de uma tradição ou de outra, não nos demos conta de que cada geógrafo se distingue do outro por sua forma própria de pensamento.

O DISCURSO DAS ESCOLAS:

A tradição da escola vem da idéia da associação e colagem da Geografia com os discursos do Estado e do imperialismo. Dissolvidos num todo, os geógrafos e o apetite de grande potência dos seus respectivos países foram

vinculados numa teoria de Escola nacional que, a par da generalização, não encontra respaldo na análise das obras. Primeiro, suas obras não são pensamentos nacionais, não tem a nação como espelho e não visam dar elementos para a formação de um espírito nacional como intenção. Segundo, não são propaganda do Estado nacional respectivo em suas ações de incursão sobre territórios de outras nações. Tem havido aqui uma confusão entre a ação de Sociedades Nacionais de Geografia e os geógrafos da mesma nação.

O DISCURSO DAS ESCOLAS SETORIAIS:

A fragmentação é a responsável por outros tipos de problemas. O principal deles é o isolamento e guetização dos geógrafos em compartimentos estanques, além de alimentar muitas dicotomias, umas declaradas, outras disfarçadas. A mais conhecida e presente delas é a dicotomia Geografia Física *versus* Geografia Humana.

O grande problema da fragmentação setorial e da dicotomização somadas é nem tanto a supressão do que seriam pares dialéticos e nem tanto a separação formal, mas o esvaziamento que de um lado responde por hoje fazermos uma Geografia Física pura (a-natureza-sem-o-homem), e de outro lado uma Geografia Humana pura (o-homem-sem-a-natureza), sem a possibilidade teórica de nenhuma ponte de entrecruzamento.

AS MATRIZES:

Matrizes são as formas de pensamento que partem de um núcleo racional por meio do qual uma estrutura global emerge como discurso de mundo, uma estrutura matricial se distinguindo da outra justamente pela maneira como o intelectual vê e integraliza o mundo. O conceito de matriz do pensamento supõe, então, o clareamento do campo epistemológico dos pensadores. Isto é, o fundamento conceitual-ideológico de onde eles partem como raiz de base é o quadro das mediações que utilizam para organizar esse fundamento num formato discursivamente localizado. No caso, a Geografia.

2º parte: OBRAS E OLHARES:

ELISÉE RECLUS: COMUNIDADE E LIBERTARISMO EM *O HOMEM E A TERRA*:

Em sua obra *O homem e a terra* podemos ver uma visão anarquista, livre de interpretações político-ideológica. Ruy nos mostra a idéia de Reclus em relação às diferenças entre comunas, cidades e burgos. Trazendo como ocorreu o desenvolvimento territorial de cada um deles durante a Idade Média, e posteriormente durante o Iluminismo e a Revolução Industrial na Europa, passando pela dissolução dos burgos e comunas, e mostrando como se estabelece uma nova relação homem-meio.

VIDAL DE LA BLACHE: CIVILIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA EM *PRINCÍPIOS DE GEOGRAFIA HUMANA*:

O autor nos mostra como Vidal introduz a noção do gênero de vida na Geografia. Em um primeiro momento vemos como Vidal concebe a questão do homem e a sua distribuição na superfície da Terra; apresentando como o homem é um ser contingente, e que por isso, a determinação de sua distribuição na superfície da Terra é fluida. Posteriormente nos mostra como a densidade da população está ligada aos modos de vida de cada civilização, posto que cada coletividade obedece a suas próprias necessidades. Depois discorre como o arranjo espacial é móvel, em decorrência da ação e dinâmica dos meios de circulação e por fim, como há a incorporação de certos espaços a lógica produtiva a partir do desenvolvimento técnico.

JEAN BRUNHES: ORDEM E DESORDEM ESPACIAL EM *GEOGRAFIA HUMANA*:

Ruy trás como Brunhes colocou na geografia a questão da ordem como uma "força construtora" e a desordem como uma "força destrutora". Coloca-nos a

questão da casa e do caminho, a casa como habitação e o caminho como a circulação de cada sociedade, põe a idéia de que a cidade é um fato dinâmico e que as vias de circulação tendem a interligar espaços de domínios. Também, nos trás a idéia do trabalho como uma força que pode ser tanto construtiva como destrutiva, que o homem, apesar de não renovar as riquezas que ele esgota também constrói casas, caminhos e meios de circulação. E, sendo assim, é nesta contradição que a economia destrutiva gera as paisagens do mundo.

MAX SORRE: ECOLOGIA, SOCIABILIDADE E COMPLEXIDADE EM *O HOMEM NA TERRA*:

Ruy mostra como Sorre trás a idéia de ecúmeno e do complexo. Para Sorre do ponto de vista da estrutura o ecúmeno é um complexo de complexos, um todo formado e caracterizado pela superposição e encruzamento de diferentes níveis de complexidade. Assim, Sorre vai discorrer sobre o complexo rural, aonde vai nos mostrar que a fusão desses complexos está relacionada à formação e evolução dos gêneros de vida. E por fim, vai mostrar como ocorre o surgimento do complexo técnico-industrial e do complexo cultural que o acompanha, evidenciando como o povoado rural dá lugar à cidade moderna.

PIERRE GEORGE: O ESPAÇO ORGANIZADO E NÃO ORGANIZADO EM *A AÇÃO DO HOMEM*:

Vemos neste segmento a noção de espaço organizado de Pierre George, onde diz ele que parte da humanidade vive em espaços pouco organizados pela ação humana, mas é cada vez mais restrita a quantidade de homens que ainda são sujeitos ao tempo e ao ritmo da vida natural. Posteriormente, nos mostra como o espaço vai se desenvolver nas sociedades de cunho agrícola, nas sociedades de base industrial e por fim no espaço global. Analisando como se vai de um espaço especializado para um globalizado, onde a indústria deita a sua relação sobre todos os lugares, valorizando-os pela incorporação. Foi considerado um dos criadores da Geografia Social.

JEAN TRICART: MORFOGÊNESE E MEIO GEOGRÁFICO EM *A TERRA PLANETA VIVO*:

Tricart vê o planeta como resultante da interação de três forças, e formas de energia. Onde a primeira força está embutida na matéria que constrói o planeta. A segunda força vem da atração dos astros no universo, que se materializa na gravidade. E a terceira força vem da radiação solar que se traduz em forma de energia. O meio físico-geográfico seria resultante das duas primeiras forças. Tricart coloca a questão da integração entre sociedade e meio, onde o homem está na natureza e a natureza está no homem, e nos trás a importância de levar em conta a questão espaço-temporal.

RICHARD HARTSHORNE: DIFERENÇA E SIGNIFICÂNCIA EM *PROPÓSITOS E NATUREZA DA GEOGRAFIA*:

Hartshorne foi um geógrafo preocupado com a questão do método na geografia. Para ele a geografia é a ciência que estuda a diferenciação de áreas. E com essa questão, algumas categorias de análise despontam, tais quais, semelhança, similaridade, diferença, identidade, entre outras. Ele também nos trás a distinção entre natural e natureza, que apesar de serem termos próximos se distinguem, pois natural seria a parte da realidade independente do homem, e natureza é o todo que inclui a parte humana. Por fim, Ruy trás a preocupação central de Hartshorne que é com a natureza das conexões que interligam os fenômenos.

3º parte: IDÉIAS E ESTRUTURA DO DISCURSO:

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NO PENSAMENTO CLÁSSICO:

Há entre os clássicos uma relação visível de continuidade e descontinuidade. A presença comum dos temas e conceitos fala de uma continuidade. O modo de compreensão e projeção dos conceitos sobre o real

dando em concepções de relação espaço mundo diferentes, fala de uma descontinuidade, além de haver um modelo matricial em cada obra.

Há em comum entre eles o longo arco de tempo que vai de 1860 a 1960, o que corresponde ao período de consolidação e auge do capitalismo como modo de produção e do surgimento das primeiras experiências de fazer a história ir para frente como um ato de ação consciente dos homens na busca de uma alternativa socialista. O que há de diferente é o tempo específico, a realidade temporal e o modo como vêm e se posicionam dentro desse tempo-espaço.

MODELOS E FUNDAMENTOS:

O fenômeno muda na história e o enfoque paisagístico prende o conhecimento e a compreensão que está ao seu alcance nesse limite. Por isso podemos chamar a teoria de Vidal de La Blache, de Brunhes e de Sorre de uma Geografia da permanência, e a de Reclus, de George e de Tricart de uma Geografia da mudança. E chamar a todas elas pelo mesmo nome de Geografia clássica.

E essas aproximações e afastamentos são perceptíveis na forma como estes clássicos lêem a paisagem, concebem o papel da técnica na construção das sociedades a partir da construção do espaço, entendem o modo como se dá os arranjos do espaço, a interação entre os objetos e os homens na sociedade e definem pelo eixo discursivo na Geografia.

A TAXONOMIA E LEITURA DAS PAISAGENS:

O tema das paisagens une os clássicos. O sentido que lhe emprestam e o tipo de paisagem a que recorrem para atingir o entendimento, os separam. Mesmo quando o momento histórico e a sociedade são os mesmos, o que buscam atingir através dela não o é.

O ARRANJO ESPACIAL:

É elementar para todos os clássicos que ler geograficamente os fenômenos consiste, primeiramente, em localizá-los na superfície terrestre. Depois, em compor a rede da sua distribuição no espaço. O conjunto da distribuição das localizações se dá no formato do arranjo. E o visual desse conjunto do arranjo é a paisagem.

A TÉCNICA, O MEIO E O ESPAÇO:

A técnica é o elo portador da ação geográfica, ela viabiliza a montagem do arranjo, e este responde pela formação da paisagem. Entendida como componente orgânica no conceito do gênero de vida e como mediação da relação do homem com o meio no conceito de sociedade, é com ela e através dela que o homem modela a paisagem e transforma o meio em espaço socialmente organizado.

O EIXO ESTRUTURANTE:

A relação sociedade-natureza é o plano processual da ação geográfica do homem, pois é conhecendo a natureza que o homem conhece-se a si mesmo (“o homem e a natureza adquirindo consciência de si próprio”).

OS CONCEITOS E AS CATEGORIAS:

A leitura da paisagem é o começo do itinerário do trabalho geográfico nos clássicos. Talvez por isso a descrição surja como recurso do método por excelência. Em Vidal de La Blache a paisagem é a permanência. Em Reclus é o fluir material do tempo. Em Brunhes, o cartográfico. Em George é a existência. Em Tricart é a escala. E em Hartshorne é a significância.

AS MATRIZES, DIFERENTES ONTOLOGIAS:

COMUNIDADE E LIBERTARISMO EM RECLUS:

Geografia é a forma por meio da qual o homem pode se compreender como natureza e história humana. O espaço de um lado é a prisão dos homens e de outro é a possibilidade da sua emancipação libertária.

CIVILIZAÇÕES E GÊNEROS DE VIDA EM VIDAL DE LA BLACHE:

A contingência é a possibilidade da livre escolha que o homem porta dentro de si de optar pela forma de relação que almeja ter com a natureza no momento da construção geográfica da sociedade na história. O gênero de vida é o veículo básico dessa construção e é a contingência materializada em modo de vida.

DESTRUIÇÃO E CONSTRUÇÃO EM BRUNHES:

O mundo é o que dele faz a tensão das forças motoras que o mantêm em permanente estado de mudança, de um lado as “forças loucas do sol” e de outro lado as “forças sábias da terra”, a superfície terrestre surgindo da dialética de ordem e desordem que assim se estabelece. O homem intervém como um reprodutor dessa dialética em sua ação de destruir para construir e construir no ato de destruir os espaços.

ECOLOGIA E COMPLEXIDADE EM SORRE:

O surgimento da técnica moderna imprime, para ele, uma escala maior e estruturalmente mais planetária da rede de complexos. O centro de gravidade da organização do espaço passa a ser o gênero e modo de vida urbano-industrial, que leva a relação homem-meio a ter de realizar-se na escala global da superfície terrestre.

ESPAÇO NÃO ORGANIZADO E ORGANIZADO DE GEORGE:

O espaço é história porque o tempo existe como espaço e isso porque o espaço é a condição de materialidade do tempo histórico. As sociedades são

organizadas através dos seus espaços. O tempo natural é substituído pelo tempo técnico, e a paisagem reflete a presença da técnica na determinação do modo de relação do homem com o meio e no modo como essa relação vai se exprimir como relação de espaço.

MORFOGÊNESE E ESCALA DE TEMPO – ESPAÇO EM TRICART:

O meio geográfico é a forma por excelência da concepção de organização do espaço de Tricart. Se ganha na escala grande e perde-se na escala pequena o poder de percepção do movimento da visibilidade dos fenômenos no espaço e da própria marcha da temporalidade do tempo. O caráter integral vem do fato de o meio geográfico ser uma combinação de heterogeneidade e de homogeneidade.

DIFERENÇA E SIGNIFICAÇÃO EM HARTSHORNE:

A diferenciação só é captável geograficamente quando referida a superfície terrestre em todo o seu significado e abrangência. Resgatar a diferenciação espacial e o recorte espacial como enfoque é resgatar a superfície terrestre como âmbito das reflexões do geógrafo.

O QUE SE APRENDE COM OS CLÁSSICOS:

A Geografia é o estudo entre a relação sociedade-natureza e a relação sociedade espaço. Nessa interação o fenômeno ora se metaboliza numa, ora noutra forma, tomando essa dialética de transfiguração como seu eixo de movimento geográfico.

O METABOLISMO HOMEM – MEIO: A RELAÇÃO SEMINAL:

A Geografia é uma ciência que extrai seu discurso da interface dos eixos sociedade-natureza e sociedade espaço, em que formal e conceitualmente prevalece ora o que hoje designamos de meio ambiente, ora o que entendemos por espaço.

O METABOLISMO HOMEM – ESPAÇO: DESDOBRAMENTO E EFETIVIDADE:

Tudo aparece como produto da técnica. Assim também o espaço. O espaço é produzido pela esfera da produção e organizado pela esfera da circulação, o todo espacial refletindo em sua dinâmica evolutiva a progressão da interação e do nível de desenvolvimento dessas duas esferas.

O HOMEM É O MEIO:

O nascimento da técnica e seu desenvolvimento, expressando o surgimento da razão na relação com o meio, inicia um começo de dessacralização da natureza, que o crescimento das interações espaciais, os intercâmbios de conhecimento e a própria continuidade do desenvolvimento da técnica vão transformar numa relação mediada e desencantada pela ciência.

O QUE APRENDEMOS ATRAVÉS DOS CLÁSSICOS:

Nesse último trecho do livro, Ruy Moreira faz uma crítica em relação à postura dos geógrafos ao abandono dos clássicos, nos indagando a uma retomada dos mesmos para uma melhor reflexão e compreensão do que seria a geografia hoje. Sendo assim, Ruy diz que indo na contramão dos outros campos acadêmicos, dispensamos o estudo percuente e constante dos fundamentos geográficos do mundo real do homem anos a fio formulados pelos clássicos, analisando e sistematizando com a paciência de um monge toda a riqueza do pensamento acumulado. E deixamos, assim, a Geografia sem rumo e sem alma, sem fôlego discursivo e sem vida própria para cair sistematicamente na dependência e cópia dos pensamentos mais prestigiados e estruturados (sem que mesmo nos indaguemos e procuremos saber o porquê) dos saberes que não tiveram a preguiça modista de fazer o dever de casa.